



O RACISMO E SUA ORIGEM HISTÓRICA

Sylson Henrique Maciel¹, Douglas Borges Lima², Tiago Drumond³, Matheus José Silva⁴, Caio Alves do Espírito Santo⁵

¹ UFMG, Departamento de Filosofia, FAFICH, sylsonestudos@gmail.com

² UFMG, Departamento de Fisioterapia, EEFFTO, limadouglas2011@live.com

³ UFMG, Departamento de Filosofia, FAFICH, otiagodrumond@hotmail.com

⁴ UFMG, Departamento de Filosofia, FAFICH, matheusjose0815@gmail.com

⁵ UFMG, Departamento de Engenharia Eletrônica, Escola de Engenharia, caioaesanto@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os aspectos históricos que deram fundamentação a prática do racismo, associando a temática à questão do colonialismo. Utilizando-se de autores como Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Domenico Losurdo, Frantz Fanon e Karl Marx, o projeto tem por finalidade tentar compreender o que foi o passado, com vistas de buscar soluções no presente e, assim, traçar paradigmas para o futuro.

Palavras-Chave: Racismo, Colonialismo, Brasil

1. Introdução:

Atualmente o tema do racismo se tornou algo central para uma compreensão mais ampla das sociedades modernas, em especial para um entendimento mais preciso do que seria o Brasil. Porém, por vezes, aborda-se a questão do preconceito de forma não histórica e pouco contestatória da estrutura social e econômica fundante de tal pensamento. Nesse sentido, vale destacar o papel do colonialismo, do capitalismo e do imperialismo como modeladores do pensamento tanto dos sujeitos subjugados quanto dos sujeitos subjugadores.

Cabe pontuar que o trabalho tem como objetivo uma análise que visa mostrar como o pensamento dos dominadores opera na cultura dos povos colonizados. Nesse sentido, o papel da ideologia é central, uma vez que mascara a realidade e opera sobre o subconsciente dos indivíduos.





O artigo procura se concentrar em duas partes. Na primeira delas, será abordada a questão nacional do racismo, vista pelas lentes de Clóvis de Moura e Florestan Fernandes. Já em uma segunda parte o foco será a abordagem psicanalítica de Frantz Fanon, associando o pensamento de Fanon a uma observação feita por Domenico Losurdo.

2. Os mitos nacionais construídos:

A partir de leitura atenta de autores tais quais Clóvis Moura (1981) e Fernandes F. (2008) e valendo-se do conceito marxiano de ideologia (Marx, 2007), a qual seria uma falsa consciência, observa-se que a construção histórica dos saberes brasileiros foi limitada por concepções equivocadas.

De acordo com Florestan Fernandes (2008) a ideia de uma democracia racial brasileira, construída ao longo de anos e abordada por Gilberto Freyre (2003), constituía-se como mito.

Durante quase meio século, permaneceu soberana e intocável uma ideologia racial que colidia com as bases ecológicas, econômicas, psicológicas, sociais, culturais, jurídicas e políticas de uma sociedade multirracial, de estrutura secularizada, aberta e em diferenciação tumultuosa. (FERNANDES, F. 2008, p. 306).

Nesse sentido, as contradições com o passar do tempo foram se mostrando claras no plano da realidade, opondo-se aos saberes, até então, estabelecidos. Outrossim, vale salientar que as disputas internas em tal processo foram constantes. Os escravizados e oprimidos se opuseram, por vezes violentamente, a essa ação de subjugação.

Clóvis Moura, ressalta que as pessoas escravizadas lutavam com todas as forças, organizando-se, muitas vezes, em quilombos, para se livrarem de uma situação de inferiorização e aprisionamento por parte dos “brancos”.





Em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, onde quer que o trabalho escravo se estratificava, ali estava o quilombo, o mocambo de negros fugidos, oferecendo resistência. Lutando. Desgastando as forças produtivas, quer pela ação militar, quer pelo rapto de escravos, fato que constituía, do ponto de vista econômico, uma subtração ao conjunto das forças produtivas dos senhores de engenho. (MOURA, C. 1981, p. 87).

Frequentemente os “negros” fugidos se aliavam a povos indígenas, para combaterem, embrenhando-se nas matas, fazendo resistência física, construindo fortes para a auto defesa e, não raramente, contra-atacando os senhores de engenho.

Os quilombolas criam vários focos de ação nas margens do Rio Paraíba, de onde incursionarão para atacar as fazendas mais próximas. Ali juntar-se-ão aos índios que também lutavam contra a escravidão, constituindo força capaz de atacar inesperadamente os senhores de engenho que, alarmados e temerosos de suas atividades, várias vezes solicitarão providências à Câmara contra tais atos. (MOURA, C. 1981, p. 90).

Fica evidente o dinamismo que se deu no corpo social nacional das lutas “raciais”, o que diverge das narrativas, por vezes menosprezantes, dos oprimidos. Quando se conscientizavam da necessidade de luta, os escravizados atuavam efetivamente para acabar com a exploração. No entanto, vale salientar o papel exercido pela ideologia, no plano das narrativas nacionais, uma vez que somente aos “vitoriosos” é dado o direito de expor a versão dos fatos.

3. O racismo em sua operação psíquica nos povos oprimidos:

O colonialismo não é apenas nocivo no plano material, mas dita regras internas aos que são dominados e gera uma falsa imagem do que seria o ser humano. Como dissertado por Rocha (2015) o autor martinicano Frantz Fanon aborda com clareza esse processo que se dá na psique dos oprimidos. Para ele a colonização não se dá apenas no plano material, uma vez estabelecida a base física da dominação, ela se estende para o campo da subjetividade humana.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.



Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, F. 2008, p. 34).

A operação na psique dos “negros” se dá desde o momento em que são caracterizados como diferentes e são “bombardeados” pela ideologia dos dominadores. Dessa forma, as pessoas, distorcidas da própria realidade, querem ser “brancas”, europeizadas, e se constrói internamente uma hierarquia desviante, de modo que, quanto mais distante do padrão europeu colonizador o indivíduo for, mais preconceito ele sofre e mais nega a si próprio. Para Fanon (2008, p. 66) “freqüentemente a atitude do negro diante do branco, ou diante de um seu semelhante, reproduz quase que integralmente uma constelação delirante que toca o domínio do patológico”. A negação não ocorre apenas na análise visual, aparente, mas se expande para o que chamamos de cultura.

Solicitado, o branco consente em lhe dar a mão da irmã, mas protegido por um pressuposto: você não tem nada a ver com os verdadeiros pretos. Você não é negro, é “excessivamente moreno”. Este processo é bem conhecido pelos estudantes de cor na França. Recusam-se a considerá-los como verdadeiros pretos. O preto é o selvagem, enquanto que o estudante é um “evoluído”. Você é “nós”, lhe diz Coulanges, e se o consideram preto é por equívoco, pois de preto você só tem a aparência (FANON, F. 2008, p. 73).

O conceito se aplica a outros povos dominados, sendo o *modus operandi* dos dominadores algo similar na Índia de Gandhi. Como mostra Domenico Losurdo, o indiano acreditava ser descendente direto do povo inglês e para se afirmar como figura respeitável, queria ser aceito como europeu.

Gandhi procede de modo semelhante, na confirmação da sua reivindicação, referindo-se à autoridade de um ilustre jurista da época (Henry Maine), do qual cita por extenso um trecho segundo o qual a Índia não só possui a mais antiga “língua ariana”, mas também “um mundo inteiro de instituições arianas, de costumes arianos, de leis arianas, de crenças arianas. (LOSURDO, D. 2008, p. 52, 53).

Desejando sair de tal armadilha, Fanon traça uma teoria do que seria o humanismo radical. Dessa maneira, não cabe, a longo prazo, aos oprimidos, em especial aos povos “negros”, afirmarem-se no plano de igualdade perante os opressores. Cabe ir além: é necessário romper com o conceito todo de raça.





Para nós, aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco. Em termos absolutos, o negro não é mais amável do que o tcheco, na verdade trata-se de deixar o homem livre. (FANON, F. 2008, p. 16).

Portanto, o intuito do autor é muito mais radical do que como modernamente se entende a questão racial. O objetivo dele é fugir de um essencialismo. Ele pretende extirpar a premissa da existência da raça, formada sócio historicamente, sendo o foco a desracialização do ser humano.

4. Conclusão:

Infere-se, assim, que o estudo realizado expôs a questão colonial, como base fundante do sistema racial, destacando o papel da ideologia na formação social dos povos dominados. Nesse sentido, trazendo para a realidade brasileira, é importante desfazer mitos nacionais estabelecidos, como o de democracia racial, assim como compreender que a escravidão se deu de forma violenta. Ademais, o trabalho aborda o aspecto psicanalítico do mecanismo de colonização, o qual é introjetado nos povos de cor, gerando nestes uma visão distorcida de si mesmos. O objetivo da pesquisa de expor as origens do racismo histórico foi alcançado parcialmente, uma vez que o tema proposto é extenso e complexo.



Referências

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira, EDUFBA, Salvador, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**, vol 1, editora Globo, Ensaio de interpretação sociológica, quinta edição, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro, Global editora 48ª edição, 2003.

LOSURDO, Domenico. **A não violência uma história fora do mito**. Editora Revan, Tradução Carlos Alberto Dastoli, 2012.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. Tradução: Rubens enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. Boitempo editorial, 2007.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. Terceira edição. A questão social no brasil {6}. Lech Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1981.

ROCHA, G. dos S. **Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon**. Sankofa (São Paulo), [S. l.], v. 8, n. 15, p. 110-119, 2015. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2015.102437. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/102437>. Acesso em: 4 out. 2020.

